

Pedaços de uma vida
Antologia de poesia

Mauricio Duarte

Pedaços de uma vida
Antologia de poesia

Copyright 2012. Todos os direitos reservados.

Você não pode copiar, exibir, distribuir,
executar, criar obras derivadas nem fazer uso
comercial desta obra sem a devida permissão
do autor.

Capa, diagramação e design de página:

Mauricio A. V. Duarte

Agradecimentos:

Aos meus amigos e amigas do Facebook

Os poemas aqui apresentados são de minha produção de 2012 e representam o que de melhor eu escrevi em termos de poesia no período do primeiro e do segundo semestre de 2012.

Sumário

Vivendo a vida... _____	6
Luz e sentimento... _____	12
Esperando o anoitecer... _____	22
Espiritualmente aqui... _____	43
No dia a dia, ao redor... _____	61
Romântica vida?... _____	80
No fim é só o que resta... _____	86

Vivendo a vida...

Renascer

A resposta do céu
ao mar é a chuva,
a resposta da árvore
à terra é o fruto.

A resposta da noite
ao dia é a Lua,
a resposta do dia
à noite é o Sol

A resposta da terra
ao Sol é a grama,
a resposta da vida
à morte é o nascimento.

O fluxo da existência nos mostra
que a vida continua sempre
no ciclo de surgir e desaparecer,
no ciclo do viver...

A primeira estrela no céu

Saudades do tempo em que eu vislumbrava
a primeira estrela no céu antes de anoitecer

e fazia um pedido
esperando que ele fosse atendido

pela fada madrinha.
Que o meu desejo fosse considerado

e eu recebesse o que eu queria.
Geralmente eu era agraciado com a vontade

porque meus pedidos eram mais simples
os tempos eram mais simples.

A simplicidade da infância...

A arte e o artista

A arte quer falar algo a partir de você,
diz a musa inspiradora ao artista.

Ludibriado pela vaidade,
o artista pensa que é ele que está fazendo arte
e esquece dos amigos, esquece da família,
esquece até da própria arte.
Só vê a si mesmo e ao seu grande talento.

Corrija-se a tempo artista.
Embriague-se de sentimento
e pense em Deus e na vida.
Quando a arte chama,
não se deve ignorá-la
Quando a arte chama,
o verdadeiro artista vem.

Em mundos alternativos;

Em mundos alternativos eu seria monge,
seria um retirado do mundo,
minha alma seria devotada a Deus,
teria sábios conselhos para dar
e faria sermões muito eloqüentes.

Em mundos alternativos eu seria um burro,
carregaria peso pelas estradas
movido pelo meu dono
e não reclamaria dos açoites,
saciando-me quando fosse hora de beber água.

Em mundos alternativos eu nem teria nascido,
seria poeira cósmica a vagar pelo espaço sideral,
estaria ainda no âmago do ser infinito espiritual,
permaneceria no silêncio das potencialidades,
não existiria enfim.

Em mundos alternativos
a vida seria outra
porque infinitas são as possibilidades.
Assim como o número de universos
na mente do homem.

Crer num amanhã

Mais dias passaria envolto em lágrimas
fossem maiores em número os dias da ausência dela.
Nunca senti um desejo de amor tão grande na minha vida.

Envelheci, o homem adulto apontou no cume da minha existência
e esqueci os arroubos da juventude perdida em amores impossíveis.
Só não esqueci o sentimento de paixão enlouquecida que me acometia

Com o tempo, passei a galhofar dos antigos sentimentos também,
passei a fazer pouco caso das amabilidades e dos afetos,
quão enganado eu estava, costumava eu dizer para mim mesmo.

Vejo hoje que o engano é consciência, o erro é acerto,
nada foi perdido, o tempo foi vivido, foi uma experiência,
pude ter ilusões, pude me desencantar, pude criar.

Dê valor a sua lágrima, homem,
é ela que te leva a uma alma que se sente viva,
é ela que te leva a crer num amanhã...

Luz e sentimento...

Quando eu medito

Transpasso o portão
mais uma vez
de modo mágico.

Estou lá de novo,
eu e a gaivota
de modo místico.

Deixo-me cair no chão,
de novo,
para ouvir a música.

Mestre, mestre,
onde eu estive?
Em lugar algum, não sei.

O sabor do chá me faz bem,
recupero-me,
sentado no chão.

Transpasso o portão
mais uma vez.
Já vai?

A gaivota lá longe me chama,
é hora,
de novo, é hora.

Que assim fosse

Quis o poeta que assim fosse:
As crônicas da viagem
mais do que as crônicas da guerra.

Navegar é preciso,
guerrear não é preciso.
Assim dizemos.

A indústria bélica
quer a tudo vincular
à guerra, à destruição.

Não! Assim dizemos
Queremos as grandes viagens,
queremos o descobrir de novos mundos.

Não queremos a morte.
Não queremos o conflito.
Tudo o que queremos é paz,

paz para viajar
nem que seja na imaginação.
Que assim fosse quis o poeta...

Nuvem

É nuvem fugidia o sentimento dos homens

Ora estão aqui, ora estão acolá

Inútil saber quando estamos angustiados, perturbados

Daqui há um rasgo de tempo estamos de novo na indiferença

Indiferença que é o maior dos males

Será? Importar-se realmente importa?

Um dia seremos todos nuvem ou anjos

Estaremos todos em dissonância com as coisas terrenas

Seremos intangíveis como a essência das coisas

E todos os nossos sonhos serão realizados...

Trinta e seis e dezoito

Com trinta e seis anos estava em tempo,
aos dezoito já tinha passado do tempo.
Tempo, tempo que passa,
passou?

Na cadeira de balanço da varanda,
estava a menina, que ralhava com o cachorro,
o sol batia forte e o tempo?
O tempo se escondia.

Todo dia

Fazer valer a vida
é honrar os mortos
e os que ainda virão.

Fazer valer a vida
é honrar os heróis e heroínas que passaram
e os que ainda não nasceram.

É nascer de novo para
sepultar o velho
e fazer renascer o novo todo dia

na manhã da esperança.
É cantar um cântico novo
para o dia que surge

e fechar um ciclo
do dia que se foi.
À espera do porvir...

Quem dirá?

Oito anos passaram-se
desde que eu avistei no meu quintal
aquela estrela cadente

Quem dirá que se todos os Budas e Salvadores
esperassem para nascerem,
eles com a estrela cadente nasceriam?

Quem dirá que se todos os bhramacharys e santos
quisessem vislumbrar,
eles, a estrela cadente avistariam?

Quem dirá que se todos os profetas e clérigos
discutissem o assunto,
eles com a estrela cadente concordariam?

Oito anos
e a estrela cadente.
Quem dirá?

Kundalini

Na simplicidade
da singeleza,
a meditação me leva.

Na fluidez do balanço
e da quietude,
entro em ondas de percepção ampliadas.

Em transe permaneço
refletindo e analisando
sem palavras, puramente consciencial.

Minha vida passa por mim
enquanto medito,
enquanto morro para renascer...

Árvore espiritual

Os espíritas dizem e provam
que os familiares da nossa vida presente
se repetiram em vidas passadas,
apenas trocando de papéis

Sendo assim, lanço mão da minha intuição
e traço minha árvore espiritual:
Minha irmã mais nova foi minha tia.
Minha mãe foi minha irmã mais velha.

Meu pai foi meu filho,
eu fui mãe dele
meu avô foi meu sobrinho
e minha avó, minha mãe

Assim vejo meus familiares
não sou espírita
e não provo nada
mas assim me contou a árvore espiritual

De novo com nove anos de idade

Como terei saudade
dos meus tempos de criança;
me veria de novo com nove anos de idade?

As brincadeiras de super-herói,
as molecagens de menino,
a bicicleta, o velocípede.

Os desenhos animados,
a sessão da tarde,
o videogame,

bolinhos de aniversário,
lanche da tarde,
o doce da mamãe...

Nada que foi será de novo,
mas eu me pergunto como seria
me ver de novo com nove anos de idade?

Esperando o anoitecer...

Um amanhã, um ontem, um hoje

Um hoje, um amanhã, um ontem
Que será de mim ontem?
Sim porque o passado não é estático
Ontem posso ser, posso não-ser
posso estar, posso não-estar.

Um ontem, um hoje, um amanhã
Que será de mim amanhã?
Sim porque o futuro a Deus pertence
Amanhã posso brindar, posso festejar
posso ir, posso vir

Um ontem, um amanhã, um hoje
Que será de mim hoje?
Sim porque o presente é o nosso único presente
Hoje posso dançar, posso alegrar-me
posso brincar, posso rir

Amanhã, ontem, hoje
são nossas percepções do tempo
queira Deus que estejamos
em sintonia com Ele quando o chegar o fim
dos amanhãs dos ontens e dos hoje

Luz Crua

No Passado do Futuro que me pressionava...
Pude ler as notas do caminho
Eram recados, cartas, fac-símiles.

Supunha serem escuridão,
o poeta.
Ledo engano, tratava-se de luz.

Luz abundante demais, recheada de esplendor
para ser vista de relance
Linda demais para ser vista ao vagar.

A tinta das cores de tonalidade azul lazulái,
fê-lo criar.
Nada que pudesse, nada que pudesse.

A abundância do espectro tonal
pôde trazer esclarecimento
Nada que pudesse, nada que pudesse.

Parece

De noite no frio
pessoas dormem ao relento.
Às vezes me preocupo comigo mesmo
para não dizer o tempo inteiro.

Quando o dia nasce, de novo as máquinas-máquinas
e as máquinas-homens voltam a funcionar,
em uníssono trabalham pelo Deus-Capital.
A vida assim parece toda no seu lugar...

Meu cotidiano à noite

Masturbo-me como quem faz a barba.
Janto como quem cospe.
Escovo os dentes como quem se lamenta.
Vou dormir como quem assiste a TV.

Esse é meu cotidiano à noite de solitário da classe média baixa,
esse é meu pensar
No entanto, percebo que o poeta quis fazer versos
com a minha miséria

Deleita-me ó poeta, o seu contemplar.
Só quero deixar claro
que de poesia pouco existe na minha vida,
de poético mesmo só a solidão e olhe lá.

Estigmata magística

Escombros de um passado
inaudito.
Destroços
que eu não vi.

Marcas que estão lá e aqui.
Narrando, contando
a violência
a destruição.

Por nada ou por tudo
a imagem desvelada
relatava
a sobriedade do magister.

Se creres
na vontade,
estarás lá e aqui
e nenhum passado te terá.

Mas como?
Como esquecer,
como não estar presente no passado,
Quando o passado está impresso ali?

Estigma da vontade
Vontade de poder
O que trará
a minha paz de volta?

A morte
A morte trará paz
tão esquecida e tão almejada
A paz que eu não vivi...

Naquela noite

O tempo exíguo passava sem eu o ver
A substância própria do sonho visitava-me
naquela noite. O limite da minha consciência
partira-se e fiquei só

Não tive, como a flor, um estado de beleza sequer
A existência esfacelou-se
naquela noite. Só um fio de esperança restava,
perceber o sonho

Naquela noite eu tinha que
fingir que o tempo estava do meu lado,
sanar as dores,
sonhar o sonho

Naquela noite
só um fio de esperança...

● peso

Olhei por trás da vidraça da janela antiga
e senti o peso da relutância.

Relutância em aceitar
toda a covardia, toda a canalhice, toda a calhordice

dos tiranos malditos
em mil terras esquecidas por Deus

de mil séculos passados
ou de dois dias atrás, tanto faz...

O peso me fazia pressão sobre a nuca
e eu não sabia dizer se era pior ou melhor

do que esquecer e fingir que não existe
toda a covardia, toda a canalhice, toda a calhordice

dos tiranos malditos
em mil terras esquecidas por Deus

de mil séculos passados
ou de dois dias atrás...

Triste saber

Triste é saber que já não cantam os pássaros,
triste é saber que já não se completa o outro,
triste é saber que já não se faz por amor,
triste é saber que já não está mais ali
as coisas do eterno, as coisas da verdade

Nisso o poeta sabe bem
que o tempo é de violência
que o tempo é de morte

Haverá alguma esperança para a humanidade?
Só no amor, na compreensão,
embora estejam tão em falta
são os únicos fatores que podem soerguer alguém

Triste é saber...

● não-sentimento

O não-sentimento vem.
Ao contrário do sentimento,
o não-sentimento não se desvela,
não se sente, não se espera,
não se pensa, não se cospe,
não se vomita, não se caga,
não se esquece, não se esfuma,
não se estapeia, não se desespera,
não se cala, não se fala,
não é não.

O não-sentimento não faz nada.
Ele vem.

A verdade e a solidão

No ápice da solidão,
nos píncaros do estar só,
descobri que o fugir de si mesmo
é néctar da ilusão

Descobri que a verdade
está tão distante quanto
mais distante dela
nos fazemos nós.

Fugindo da única verdade
que pode existir
nesse mundo de meu Deus:
Nós mesmos.

Oh, verdade, que ora, tanto
alteia e se mostra longe,
e é tão bela quanto é a própria vida
Oh, verdade, que ora, tanto
é perto, ríspidamente próxima
e se faz triste e morta

não faça que eu perca
meu quinhão de esperança
Deixe em mim
a solidude do meu porvir

O poema da minha vida

Conclui meu poema,
acabei a obra,
entreguei a Deus.

Nunca antes tinha feito
uma poesia tão louca,
tão mordaz, tão venal

Nunca antes tinha feito versos
que me pudessem levar
a um tão grande desassociar da minha consciência,

que me pudessem levar
a tal desatino de paixão,
a tal loucura no viver

Como consegui retomar meu caminhar,
não o sei.
A única coisa que sei

é que a poesia está terminada...

Não é à toa

Não é à toa que tanta violência faça parte
das nossas cidades hoje em dia...

Se já não podemos
ver nem as estrelas no céu à noite.

Se já não temos água limpa
nos rios e mares.

Se já existem um sem-número
de espécies ameaçadas.

Os sinais do Criador
não são mais apreciados.

O homem alijado do sublime natural,
longe da divindade da natureza,

só pode se ligar à destruição,
à morte.

Não é à toa...

Desarrimo

Navego por dentre os mares
da minha angústia
a espera de uma resposta.

Nada encontro,
não há porto para mim
nas minhas próprias entranhas

Espero um sinal.
Em vão,
não há paz em mim mesmo.

Vejo e não enxergo,
Tateio e não sinto.
Algo se perdeu.

Não há...

Os dias

Foram-se os dias
na modorra do dia a dia

Foram-se as esperanças
de um futuro melhor

Passa o tempo
como a areia da ampulheta

Passam os dias
como se esvai a água da garrafa

Nada do que os dias de sonho foram
pôde o dia de hoje trazer

Será que algum dia será o dia
da redenção?

Será que algum dia será o dia
da felicidade?

Isso eu não o sei
só sei que continuo

a labutar dia a dia
esperando pelo dia

Qual será esse dia?

Só a gaivota

O intangível:

Nem a minha esperança
nem o meu desespero

nem a minha causa
nem a minha paixão
nem o meu descaso

nem a minha vitória
nem a minha derrota
nem o meu sempre

nem o meu nunca
nem a vida
nem a morte

O intangível:

Só a gaivota
só a gaivota do místico...

Incertezas

Acendi o incenso
e pus-me a refletir:
De que incertezas é feita a minha vida?

A incerteza do trabalho,
a incerteza dos estudos,
a incerteza de ser útil,

a incerteza de ser amado,
a incerteza do dia vindouro,
a incerteza da própria vida.

Incertezas que rondam a existência de muitos.
O incenso se apaga e eu pondero:
Que não sejam maiores do que a certeza de continuar...

A única esperança

Minha cabeça gira
não sei por onde vai meu andar.
Estou em errância

Com que repugnância
a vida me mandou
sou um enjeitado

Não sei o que faço
para voltar ao meu lar,
minha causa é vã

Só me resta
uma única esperança:
acreditar

Acreditando continuo
enfrento a adversidade
enfrento minha angústia

Assim vou acreditando
pronto para ir de novo
pronto para recomeçar

Sem rumo

No traçado da minha trajetória
cambaleante e trôpego,
estava eu a pensar

em que paragem chegarei eu.
Nesse ínterim, a armadilha da agonia
já fazia morada em meu viver.

Que passos darei eu
depois desses vacilantes
que dou agora.

Encontrarei rumo
na estrada do desespero,
na curva do abandono...

Aquele instante

Tão difícil continuar...

Dar prosseguimento nunca foi tão dificultoso

Em dado momento vivenciei aquele instante em que tudo é elementar

E nesse instante, nada parece se encaixar na anatomia da existência

Tudo é terreno movediço, conturbado, sem escoras

Sou agora um escravo dos doze deuses primitivos japoneses

Minha salvação ainda não despontou no céu do firmamento

Não tenho guarita que me acompanhe

Lá fora, os celulares continuam a tocar,

As internets e intranets continuam a se conectar,

Os carros continuam a correr de um lado para o outro,

Só eu que não tenho continuidade no meu viver

Lá fora as crianças continuam a brincar,

Os trabalhadores continuam a sua labuta,

Os criminosos continuam nos seus crimes

Só eu que parei

Tão difícil continuar...

A vida assim parece uma mistura de excremento com comida

Algo intragável, como uma cachaça mal feita

Como um pecado capital

Nesse instante não sou eu que estou aqui

É um outro que tomou meu lugar

Estou noutra espaço, noutra tempo

Tudo é cinzas...

Espiritualmente aqui...

Ele sempre está lá

Elos transpassados da corrente da ilusão,
eu me volto para meu ego.

Quão indômito e quão rebelde ele é,
ele sempre está lá...

Se malogro uma vontade dele, outra vem no seu lugar,
mais forte e mais enraizada.

Se estabeleço metas para a morte do ego,
ele imediatamente me dá as diretrizes, obediente e eficaz cérebro
Mas são falsidades; no fundo ele está ficando só maior e me enganando.

Se tiro um sarro da cara dele, um outro ego surge
para me encorajar a fazer a piada.

Ele sempre está lá...

Não é reprimindo que vou matá-lo.

Ele ressurge mais alto e mais forte.

O ego é a inconsciência maior da humanidade,
ele sempre está lá...

● convite

Especialmente naquele dia eu estava por declinar
do convite do mundo em volta e buscar o sagrado mais do que o profano
quando ouvi a famosa frase:

Casa de ferreiro, espeto de pau.

Só o que me bastou para esquecer que sou um iniciado
e cair na macaqueada

Foi uma macaqueada de rachar a cabeça:

Zumzumzum, lálálá, e toda a atividade mental.

Quando parei o macaco mental, fui dormir.

Descansar.

Para depois novamente cair no mundo,
esperar novo convite...

Névoa

Decerto você pensou que eu estaria em dissonância
com o ritmo lento da passagem do nevoeiro.

Certamente você pensou que eu seria um roqueiro

Não, não sou.

Sou demorado, vagaroso como a bruma, como um blues man

De valor, não sei se tenho muito.

Tenho sim, uma vontade inquebrantável de sorrir

para quem anda depressa,

para que veja o quanto está perdendo

do ritmo lento da cerração...

O vento soprou

O vento soprou por entre as frestas do caminho
e me disse que Deus está vivo.

Então porque tanto sofrimento, tanta miséria tanta violência?

Temos o livre arbítrio, diz o repórter,
temos a escolha de nos matarmos a todos enquanto estivermos vivos.

Reclamações: dirija-se à gerência,
vulgo Eterno Juiz , Nosso Senhor, Aquele que tudo sabe.
Da vida levei apenas os bons momentos,
os males deixem-nos com os repórteres de plantão,
Sempre ávidos por uma notícia. Ruim de preferência.

Não tive desgostos no mês de abril,
mas em setembro veio-me a gripe.

Achei que a violência tinha enfim terminado no mundo
quando abri o jornal e não achei o caderno de economia.
O vento soprou e eu acreditei de novo...

Ainda não é tempo

Incessante, o refulgir da lâmpada escancara a luz no meu rosto.

Eu me pergunto se o meu imaterial se aquietou.

Ainda não é tempo, meu amigo.

Deveras, ele não se aquieta e o hábito não faz o monge.

Não é repousando o corpo que o espírito irá se acalmar.

Ainda não é tempo...

Apesar de tudo isso,

tamanha é a minha vontade de alçar

em elevação d'alma,

que poderia mesmo permanecer

em silêncio e quietude se estivesse no tempo,

na paz das doze letras do nome de Deus.

Ainda não é tempo...

Olho de novo para o brilho da lâmpada,

encaro-a e pergunto: porquê?

Antes que você saiba como estar de acordo

com os desígnios de Deus, não terá paz.

Mas ainda não é tempo, diz o meu ego.

Ainda não é tempo...

Na sua consciência

Estava eu perguntando a mim mesmo: o que será de mim?

E o pequeno deus estava bem diante da minha pessoa,
com seus olhos de luz e sua cabeleira branca.

Tinha vestes vermelha carmim e abóbora coral,
além de adornos em dourado.

Disse-me: que fazes aqui que não abrisse o guarda-chuva ainda?

Eu respondi: não está chovendo...

Ele muito perspicaz objetou:

Está chovendo na sua consciência e é uma chuva torrencial,
é tempo ruim, tempo fechado.

Que posso fazer? Perguntei.

Ele subiu as escadas, chegou até a janela e voou para bem longe
e fiquei só com meus questionamentos.

Hoje sei que tratar da própria alma é ação
para todos que tem amor no coração.

Celebro

Celebro o poema da poetisa
Celebro a observância do sábio
Celebro o esgar da bruxa
Celebro a luta do trabalhador
Celebro a perseverança do estudante
Celebro a persistência do iniciante
Celebro a inocência do iniciado
Celebro a indolência do rebelde
Celebro a marca do justiceiro
Celebro a verve do artista
Celebro o destino da cartomante
Celebro enfim...
Que me resta?

Se fossem poucas as indulgências necessárias
Mas nem se tem conta mais dos crimes cometidos
Apesar disso, o mundo gira
O mundo sempre girará

Celebro o arfar do coveiro
Celebro a docilidade da noiva
Celebro a maternidade da mãe
Celebro a certeza do atleta
Celebro a fragilidade do confesso
Celebro a destruição do soldado

Celebro a gratidão do pedinte
Celebro a estupidez do rico
Celebro o primitivismo do índio
Celebro a precisão do ourives
Celebro a negação do acusado
Celebro enfim...
Que me resta?

O que poderia e o que não poderia ser

Vidas não vividas,
trajetórias não passadas,
céus não contemplados,
tramas nunca urdidas.

Assim me sinto,
assim é.
O que nunca foi.
O que poderia e não poderia ter sido,
ambos se bifurcam numa encruzilhada temporal

Se fosse o que não foi,
teria sido o que poderia?
Inútil saber.
Quiçá fosse...

É tarde da noite

É tarde da noite quando eu penso em parar,
tudo insiste em ser fugaz
e eu insisto em ser lento...

Esperando o avatar da era de aquário,
deixando os esoterismos falarem mais alto.
Mais alto do que a esoterologia, mais alto que o hermetismo.

Ó luz soturna, me leve de volta a meu recanto
de águas profundas,
de trajetórias de idílio.

Que eu pese todo penar com a inspiração da lua cheia.
Que eu pese todo caminhar com a serenidade da brisa noturna.
Que eu pese toda lembrança com a calma da escuridão.

Um pensamento novo

Com suas indiferenças,
ele veio, viu e venceu.

Com suas imparcialidades,
Ele partiu para a grande vitrine.

Com suas neuroses,
ele contaminou a todos.

O pensamento racionalista e cartesiano
arrastou multidões em seu caminho.

Quem dirá que não vale um tostão furado?

Quantos Jungs e Dalís irão viver e morrer

Quantos Fellinis e Blavatskys irão despontar e fenecer
até que ele seja sepultado?

Nunca, grita o ortodoxo do racional.

Já foi tarde, diz o enunciador do novo.

Quando terá lugar um alento para a humanidade?

Dentro das físicas quânticas e das virtualidades do mundo digital?

O fluxo de novos paradigmas já faz morada no pensamento
e esse fantasma não nos deixa de assombrar

O subjetivo e as entrelinhas quando terão vez?

Senão quando o homem cessar de acreditar que
seu lado esquerdo do cérebro sabe tudo e pode tudo responder.

Senão quando tiver, estupefato, visto que nada

do que tinha certeza era nada mais do que uma partícula
do todo que os místicos já clamavam há muito.

Um olhar é tudo

As nuvens do céu e os raios do Sol chegam até mim.

A claridade sutil da Lua e os afagos do vento chegam até mim.

Nunca quis ser sonho,

mas a minha vida se tornou um sonho diante dos meus olhos.

A impetuosidade do cavalo e a força da chama chegam até mim.

A vastidão do mar e a segurança da rocha chegam até mim.

Nunca quis ser sonho,

mas meus pensamentos são sonho em minha presença

A negritude do espaço sideral e a luz das estrelas chegam até mim.

A placidez da Via-Láctea e o sem forma do cosmo chegam até mim.

Nunca quis ser sonho,

mas meu coração é sonho diante de mim.

O infinito da natureza pode ser sonho quando vemos de verdade.

A pureza e a singeleza do selvagem encanto da natureza

são um sonho acordado diante de nós

quando sabemos olhar...

Desde hoje e para sempre

Em miríades de constelações,
no espaço sideral entre as estrelas,
nas contrações e distensões da Via-láctea,
nos grandes espaços da matéria escura,
nas explosões solares,
nos acidentes geográficos da Lua,
na estratosfera do nosso planeta Terra...

Em todos, em tudo, está uma fagulha do poder divino.
Está aqui também nesse momento, nesse instante,
agora e para sempre,
está plasmado no cosmos,
está emoldurado no firmamento.
Pulsando, batendo
e nos trazendo a vida...

Maravilhar-se

Ventos tragam boas novas

Árvores deem o fruto

Eu estou amando.

Mares levem as desesperanças

A mãe conceba o filho esperado

Eu estou amando.

Chuvas lavem o coração desencantado

A semente fecunde o solo árido

Eu estou amando.

A beleza do lírio do campo

E a singeleza do pássaro ao longe

Não me passam mais despercebidos

Meu é o teu amor

O amor à natureza

O amor ao divino

Que seja assim

Até o fim dos meus dias

Até o apagar da minha luz

A harmonia no universo

O macrocosmo é infinito para fora.

O microcosmo é infinito para dentro.

Desarmonias existem por todo lado.

O universo do homem contemporâneo é fragmentado
e mundano, fora do divino.

A conduta reta pressupõe o sagrado,
pressupõe a devoção para com a natureza.

O cosmo não é caos, é ordem
justamente porque é equilibrado, harmonioso.

Glorificar e louvar é essencial.

Seja a mística nosso carro condutor,
seja a bem-aventurança nossa bússola.

Assim seja nosso comportamento.

Que exista o bom combate,
que exista a harmonia no universo.

Intelecto

Equilibrado eu?

Meu intelecto me leva ao ócio,
intelecto sem espiritualidade, sem mística.

O produto acabado do ceticismo religioso
em mais elevado grau.

Um ateu positivista.

Acredito no intelecto como sentido de cinismo,
acredito na mente/ego como guia.

Sou envolvido nos karmas que me prendem à ilusão

Sou um Hanasmusseem,
sou dividido e fragmentado,
falo comigo mesmo em dois egos.

Equilibrado eu?

Quem me dera um dia chegar
a ter uma intuição espiritual

Quem me dera ter sensibilidade
para experimentar percepção à revelação
da meditação.

No dia a dia, ao redor...

Ode à labuta

Bendita seja a lida do trabalhador...

Na labuta dia após dia e sem esmorecer

É assim que se conhece?

A pergunta é para Deus mas bem pode ser para o patrão:

é assim que se distingue os desígnios divinos?

Trabalhando de sol a sol?

O estertor da morte nem bem deixou o fôlego do trabalhador,

o patrão já coloca outro no lugar daquele que se foi,

sem prantos, sem aborrecimentos,

morreu acabou.

Que foi feito da ternura dos homens?

Existiu alguma vez em algum tempo?

Bendita seja a lida do trabalhador...

Os esquecidos do mundo

Os esquecidos do mundo vagueiam pelas ruas,
enquanto a noite vem destruindo toda esperança.
Avassaladora, ela não deixa pedra sobre pedra.

Purgatório das emoções é o meu sonhar,
não ousar levantar a voz para o gigante,
não ousar calar minha voz tampouco.
Falo numa voz fraca que é para não ser ouvido,
falo como quem não quer falar.

Ao escuro todas as baratas, ratos e vermes
tem sua morada,
só os esquecidos do mundo é que não tem...

Por nada

Por nada se morre e se mata...

Dinheiro, drogas, sexo desregrado, diversão viciante,
ilusões de maya que tem afinidade com os degredados
Degredados somos todos, diz o anjo

Não há um só fio de cabelo da sua cabeça que não esteja contado...

De pavor morreria ao ver quão estúpido e quão mortal é
a opulência das elites.

Por nada se morre e se mata...

Simulacro das almas

Autistas da consciência (somos todos?) perambulam por sacadas
de prédios vazios.

Ocos como oca é cabeça dos que assistem a TV...

Numa favela ou num prédio de luxo, a música pop não para;
nada contra (nada a favor também).

Enquanto os russos prendem mais uma punk da Pussy Riot

Elas escaparam?

Como de nada sabemos a respeito dos discos voadores,
também nada sabemos do novo projeto das Forças Armadas Americanas

O que de bom há na nova cena contemporânea das artes,
se não entendemos de arte?

Afinal quem se importa?

Como fazer a lua escapar da noite?

Toda falta de ar e todo desconforto noturno
são mecanismos da mente para fazer associações
entre o medo de ter medo e a esperança num futuro melhor.

Vou digitando “m” no meu micro-computador
e deixo a tela transbordar de “emes” imaginários.
Com todas aquelas perninhas, eles são centopéias?

Trafego pela estrada com meu carro quase sem gasolina.
Se faltar agora, só no próximo posto; quilômetros...
O que está faltando mesmo é minha memória.

Enfim, trazer do velho para o novo,
cessar o desassossego, romper o sufocamento.
Como fazer a lua escapar da noite?

Requiem

Testemunhas viram ele se jogando,
disseram que tinha sido suicídio.

Trigésimo quarto andar.

Ele se enrolou numa bandeira do Brasil antes de cair.

Tinha família?

Não sabemos. Não encontraram ninguém.

Saiu do trabalho e se matou.

Puxa vida... Era uma boa pessoa...

A que horas é o cinema?

É agora. Já comprei os ingressos.

Notícia de jornal

Entre notícias de homens-bomba,
serial killers e atiradores assassinos,
eu tento ler o meu nome no jornal.

Eu fui uma quase-vítima
de um psicopata com pistola na mão
mais um, entre tantos
que queria mostrar que tem uma arma.
Atirou bem próximo de mim,
tirando-me a audição por alguns momentos.

Mas meu nome não está no jornal,
só a morte dá notícia,
só a morte vende jornal

Eles

Encolho os ombros para eles

A vida tem sido fugaz

E nenhum deles quer saber de quando eu era menino

No mínimo darei um bocejo quando os encontrar

No máximo vou vomitar quando os encontrar

Todos eles querem me ver pelas costas

De todos os defeitos o pior é a inveja

Não tenho ilusões quanto à minha,

Veza por outra me lembro dela, tadinha

De nada adianta correr da própria sombra, a inveja

Ademais, porque eu deveria me preocupar?

Todos eles querem me ver pelas costas.

Quero fazer uma poesia

Quero fazer uma poesia...

Uma poesia
de um todo de comoção e mágoa.

Uma poesia
prá todos ouvirem.

Uma poesia
que fosse além das palavras,
que fosse de coração para coração,
que estivesse na quinta-essência
da palavra mesma.

Quero fazer uma poesia
de calma quente e atroz
e bem longe do tédio.

Uma poesia
com rumores de amor que está por vir
e festejos de liberdade que já chegou.

Uma poesia
que seja o desabafo de uma vida
e o desagravo do desespero

Quero fazer uma poesia...

Nada tiveram

Desconcertante e imperfeitamente, eu tento respirar de volta.

Circunspecto, o meu inimigo me joga novamente na água.

A tortura mal tinha começado eu já perdera o fôlego,
minha cabeça era jogada na água vezes seguidas.

Minha índole era de não revelar nada

e assim eu fiz, nem meu corpo nem minha alma eles tiveram.

Nada.

(Em homenagem às vítimas de tortura da ditadura militar brasileira)

Barquinhos de papel

Navegando por entre barquinhos de papel,
dei-me conta que o leme não me obedecia
e eu ia de encontro aos recifes de um quintal chuvoso.

Olhava e não via terra à vista.
Só os pingos da chuva caíam-me defronte
e eu vislumbraava torrentes de água da tempestade.

Quando eu era de um desses barquinhos o capitão,
já não tinha mais idade para fazer barquinhos de papel,
mas tinha amadurecido para singrar pelos mares

Foi o que fiz.
Encimei-me na proa e pus-me a navegar
quando chovia no quintal

Quando não, eu deixava as cartas náuticas
falarem mais alto
e punha-me a escrever estes versos...

Viajante do tempo

Serpenteio por entre o século XVIII,
lutando contra o iluminismo nascente
indo contra a corrente de um presente mais que estóico, hedonista.
Nada tenho contra, muito pelo contrário, ou o contrário pelo muito.

As sociedades secretas e esotéricas pululam no horizonte,
encontro-me a meio caminho.
Meio caminho andado para cair nas garras do dogmatismo
e meio caminho andado para me entregar a fluidez do hoje,
léguas, léguas andei.

Encontrei enfim, o pensamento que salva a multidão.
O anarquismo veio à tona no meu mundo.
Caminhei, caminhei
e rejeitei o universo acrata,
saindo do fogo e indo cair na fridigeira do neoísmo.

Ousei escapar dela
e hoje sei que o maior dos idealismos
não me salva do capital.
Encontro-me no olho do furacão,
entre a espiritualidade e a ambição.

Uma do ego refinado que acha que é superior,
outra do ego material tem tudo e não tem nada, na verdade.

Viajante do tempo,
Sou um primitivo poeta...

Até uma próxima era

O frio cortante traga meu corpo,
enquanto a comiseração dilacera minh´alma.
Quantos mais vão ter que morrer de frio e de fome?

Nas ruas, nas ruelas, embaixo dos viadutos, das pontes.
Tanta miséria, tanto sofrimento.
Até quando o capital vai mostrar sua face cruel
e matar aos poucos
os restos de esperança que ainda teimam em existir?

Até quando vai continuar a vomitar
seu lixo midiático na nossa cara,
enquanto os desvalidos lutam para sobreviver?
Até quando vai levar exploração
aos assalariados e desespero aos desempregados?

Até que entendamos que a solidariedade foi feita para compartilhar,
até uma próxima era de amor e fraternidade.
Até uma próxima era...

Sentimento de culpa

O sentimento de culpa é avassalador.

Ele vem quando menos espero...

Cometi um crime? Eu?

Deixei de votar.

Não justifiquei.

O voto é obrigatório nessa democracia fajuta

Ah, que pena...

O que me aguarda agora?

O cancelamento do título eleitoral? A prisão?

A má consciência...

Consciência do dever cumprido, na verdade.

Dever de todo cidadão dessa democracia fajuta:

Deixar de votar pelo menos uma vez

para sentir o gostinho do sentimento de culpa.

Desobediência civil devia ser obrigatória

pelo menos uma vez...

Enquanto o tempo permitir

Estabeleço uma linha de conduta,
um traçado, uma norma:

Nunca mentir;
ir até o fim.

Sigo-a até não poder mais.
Daí invento outra regra:

Fazer amor sempre;
nunca esquecer sonhos.

E passo a segui-la...
Vou assim, de uma determinação a outra:

Viver a emoção;
permitir a preguiça.

Num continuum,
até o limite.

Enquanto o tempo não se cansa...

Algo diferente

Motores queimados de anos na garagem,
termômetros sem mercúrio
e eu a lambi ao invés de beijar.

Cadáveres de jornalistas presos na ditadura,
pipas indo de um lado para o outro no céu
e eu a lambi ao invés de beijar.

Destemidos aerobatas pulando o picadeiro,
latas de sardinha esperando para o almoço
e eu a lambi ao invés de beijar

Trastes silentes por entre as sombras;
são minhas vontades depois que a lambi.
Pensava em fazer algo diferente de um beijo.

Ela não entendeu.

Nem eu entendi.

Triste é o vagar senil do solitário...

O tempo passa

O tempo passa, inexorável.

Eu sou só lembranças.

As circunstâncias nas quais se deu o ocaso da minha vida
são inescapáveis.

Tive alegrias, tive felicidades,
tive infortúnios, tive tristezas.

O tempo passa, inexorável.

Fico pensando que nada poderia ser diferente,
nada poderia deixar de acontecer.

Os sentimentos que tenho agora
são todos de resignação,
são todos de aceitação.

O tempo passa, inexorável.

A alma passa ao largo.

Ela tem contornos de sombras e trevas
que se dissipam para dar lugar à luz.

A luz que traz o entendimento
do que foi e do que será.

O tempo passa, inexorável...

Romântica vida ?...

A noite passa

Doce e quente, ela me revela
a limpidez daquele luar
e esperando, altaneira, o desfecho da noite,
não se desvencilha, ao mesmo tempo, da languidez
da madrugada

Eu esgoto, um por um, meus desejos
de uma noite ardente.
Enquanto ela passa
sem nem um olhar,
sem nem um gesto.

Eu me desespero pelos travesseiros,
minha cama é um vulcão.
Mas eu não possuo esperança,
a noite não me sorri.
Ela só passa.

Prá que?

Prá que?

Ela me convidou para um encontro

Disse no bilhete que gostava de mim

Eu liguei e marcamos uma hora

Enfim, eu a conheceria de perto

De modo a vir a calhar estava eu no encontro

Ela não veio, fiquei a ver navios

Tudo bem, não gostava dela mesmo...

A vida foi seguindo

Ela na dela e eu na minha

No final, nada foi lembrado

E se foi não ficou mágoa

Anos depois a encontrei num desses percalços da vida

Não quis falar, passei direto

Prá que?

Guardiã

Guardiã das aventuras românticas,
ela vem e me diz o que fazer a seguir.
Mormente porque se fosse uma prostituta
não me acompanharia ao altar. Será?

Casei- me aos vinte e dois de setembro daquele mesmo ano.
Ela me queria como as mães querem os filhos pequenos,
eu a queria como a *femme fatale* das catedrais góticas.
O casamento não foi nenhuma festa, mas foi digno.

Tive filhos com a moça dos sonhos,
fui feliz e ela também.
Depois voamos por entre construções
até nos separarmos.

A guardiã dos desejos ardentes
é cândida, é terna... Não é nenhuma ninfomaníaca
Ela vem dizer o que fazer a seguir,
eu me misturo ao seu odor, odor de fêmea...

Nós

Os outros são os outros,
nós somos só nós.
Não tem enigma.
Não tem mistério.

Estamos juntos por termos celebrado,
somos produto da alegria.
Somos uma comunhão de sentimentos,
não nos separaremos nunca.

Nós dois estaremos sempre juntos.
Eu com minha altivez.
Você com sua empatia.
Somos o casal 20, 30, 40, mil.

Eu te amo como minha princesa,
você me ama como se nunca tivesse amado.
Eu sou você em mim.
Você sou eu em você.

Gosto demais de estar ao seu lado,
você se derrete por mim.
Gostaria que esse momento fosse eternizado
para que fossemos um do outro para sempre.

Ela

Bálsamo para toda perfídia do mundo,
ela vem de novo a me espreitar.

Intrépida, voraz, dramática,
cheia de perfeitas imperfeições.

Ela conduz o carro da paixão
com toda a cupidez que Deus concedeu

Ela voa com todas as ninfas pelos reinos
de alhures a seduzir homens para seus desejos

É uma bruxa, dizem alguns...
É uma prostituta, dizem outros...

Mas eu sei o que ela é.
É doce veneno.

É bebida embriagante.
É cálice de vinho mortal.

É elixir da imortalidade.
Ela é minha avidez que não conhece limites.

Será saciada algum dia?
Tola pergunta, meu amigo, tola pergunta.

No fim, é só o que resta...

Infância

Minha mãe varria a casa
atarantada

Meu pai juntava os papéis prá sair ao escritório
apressado

Minha irmã estudava nos livros do colégio
interessada

Eu, lia os gibis de super-heróis
entretido

O tempo assim passava...

Estrela no céu

Quando a criança em mim
falou mais alto
e eu pude perceber
quão grande é a vida...

Estrelas de pirlimpimpim espocaram
e pipocaram os céus
dos meus cabelos.
Pude ver.

Expliquei-me ao sábio:
é que eu estive só, tanto tempo,
que um mero soslaio de olhar
do meu amigo é uma festa.

Queria continuar, no entanto,
o sábio disse:
Espere mais um pouco,
a vida só vale quando é vivida de verdade.

E a nossa vale tão pouco
vale um lampejo que pisca
da estrela no céu.
Vale isso...

Pingos de chuva

Violenta, a chuva vem à noite
Dizima toda a esperança,
lava toda a face.

Após, a calma
o respingar dos pingos
nas folhas das plantas

Aurora de sol
brilho e ar limpo
no meu coração refeito.

Olha

Olha! Quanto caminho novo está aberto...
Olha! Quanta tristeza podemos esquecer...
Olha! Quanta felicidade nos espera...

Vem ver o amanhecer
para desvelar a esperança
e fazer novo o renascer...

Vem ver como podemos
trazer o presente à baila
e estar atento a cada momento...

Para fazer daquele dia de hoje
o dia que existe
e esse momento o único...

Olha! Que céu lindo...

Lembranças vem e vão

Lembranças remexem e reviram
na minha cabeça.

Eu lembro de quando
era fácil.

Lembranças destacam acontecimentos
nos meus pensamentos.

Eu lembro de quando
eu podia.

Lembranças correm e se escondem
nas minhas ideias.

Eu lembro de quando
eu sabia.

Todas elas e nenhuma delas
ao mesmo tempo,
voltam e se vão
e eu as deixo seguir.

São elas os marcos das paredes
da minha memória.

Elas vem e vão
no refluxo do coração.

A folhinha seca no asfalto

Quando parei e olhei não estava mais lá.
O vento veio e levou

O que era?
Uma folhinha seca no asfalto.

Ah, dessas tem muito no outono.
Não, essa foi especial!

Que tinha ela?
Era minha vida que veio e que foi.

Era minha vida que estava e que não foi.
Era meu tudo que desnudado, deixou de aparecer,
porque não passava de um nada

Era minha vida que chegou
e logo quis ir
Mas eu não deixei, puxei-a pelo braço.

Ela retrucou
Larga-me mancebo.
Não tenho nada contigo...

Eu disse
Seu nada é tudo
Quando eu digo vida, quero dizer viver.

Viver,
viver e nada mais.

● **estranho**

O estranho que me olha nas sombras
tem aspecto duvidoso,

ele olha e não olha
quando muito observa de soslaio.

Se é um bichano, eu não sei,
mas parece.

Ele vê as minhas neuras,
as minhas heresias,

ele vê as minhas discrepâncias,
os meus infortúnios, os meus tratados não cumpridos,

as minhas falsas alegrias,
meus momentos sorumbáticos, meus acessos de ódio,

ele vê as distorções da minha alma.
Os gritos abafados no travesseiro,

as tragédias gregas,
os amores não consumados.

Sobretudo,
ele vê as minhas entranhas.

O estranho sente quando eu tento tocá-lo,
ele se afasta.

Um cachorro não é, tenho certeza,
deve ser um bichano.

A volta

Da janela vejo os raios de sol
estou de novo em casa
após longa viagem.

Muitos percalços
muitos obstáculos
mas estou de volta.

Amores, tive alguns
alegrias, bastante
aborrecimentos, o suficiente.

A longa viagem ao redor de mim mesmo
foi cansativa
mas profícua.

Da janela vejo os raios de sol...

Chuva

Escuto o ruído do trovão ao longe.
Sozinho espero a chuva

Que lave todas as almas.
Que espante todos os medos
e limpe todas as consciências

Que molhe a terra
e faça florescer...
Que faça vicejar as folhas e as flores

Que seja força e esperança,
que morra para um ciclo que se fecha
e nasça para um ciclo que se inicia

Que faça-se luz
que chova...

Mistério

Após tantas idas e vindas
Depois de tantas andanças
Uma coisa só aprendi
Maior mistério que a vida não há
Mistério do prazer
Mistério do desprazer
Mistério da necessidade
Mistério da bonança
Mistério da paixão
Mistério do amor
Mistério da verdade
Mistério da meia-verdade
Mistério da esperança
Mistério do desespero
Mistério da força
Mistério da fraqueza
Mistério da luta
Mistério do desfalecimento
Mistério do conter
Mistério do expandir
Mistério da própria vida...

Quando eu era jovem

Na cabeça eu tinha uma determinação
No coração um sentimento

No muito sentir eu intentava fazer uma arte pungente
Na ideia de jovem um não-sei-quê de acreditar

Queria eu ganhar o mundo
Ser reconhecido

O importante de tudo
é que ganhei experiência com tudo

Contudo, um fiapo de alegria permanece
Sempre trago comigo a verve de outrora

Como a me lembrar
da estrela da juventude

O que vale a minha vida?

Desatando os nós da temperança
pude ver que sou mais que gostaria
e menos que esperava.

A medida exata do que sou hoje
tenho-a na minha consciência
ou na minha angústia?

A despeito de toda leviandade,
posso dizer que minha vida vale
um quinhão de todo meu passado
mais um quinhão de todo meu futuro

vale aquilo que eu puder dizer
como meu em meu ser,
aquilo que não me é artificial,
aquilo que é da minha essência.

Pueril e frágil vida...

Mauricio Duarte é escritor, poeta, artista visual e ilustrador.